



A ESSÊNCIA E A ESCRITA: REPRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS FEMININAS EM ROMANCES DO SÉCULO XIX

Adriana Minervina da Silva (1); Renata Pimentel Teixeira (Orientadora, 2)

(Universidade Federal de Pernambuco (1), adriana-letras@hotmail.com; Universidade Federal Rural de Pernambuco(2), renatapimentel@gmail.com).

RESUMO: Este artigo tem por objetivo discutir a representação de personagens femininas traçando-se alguns paralelos entre as obras *Senhora*, de José de Alencar; e *Dona Narcisa de Villar*, de Ana Luísa de Azevedo Castro. A partir de aspectos problematizados e discutidos como característicos das escritas feminina e masculina propostos por Brandão (2006), discutiremos o modo de representação das personagens nas referidas obras e aspectos da construção simbólica das suas protagonistas, considerando o momento histórico e o movimento estético nos quais as obras estão inseridas, neste caso, o Romantismo, considerando as visões de Carpeaux (2012) e Falbel (2011) acerca desse movimento. Quanto à construção da identidade de gênero, Butler (2003) afirma que ela não é definida biologicamente, mas é socioculturalmente construída, compreendida num descontínuo. Com isso, percebemos que Aurélia Camargo e Dona Narcisa de Villar são personagens femininas, cuja construção simbólica se apresenta de modos diferentes entre elas, embora sejam praticamente contemporâneas. Consideramos que o lugar de onde se fala identifica e direciona o discurso e a escrita do autor, podendo haver rupturas com as características do movimento estético no qual as obras são configuradas.

Palavras-chave: representação feminina, romances românticos, identidade de gênero.

INTRODUÇÃO: O século XIX traz importantes mudanças no cenário político, ideológico e artístico no contexto europeu e, conseqüentemente, nas recém-independentes nações (ou ainda colônias) da América do Sul. Diversos acontecimentos históricos, como as campanhas abolicionistas ou o referido processo de libertação de povos colonizados promoveram significativos avanços e contribuíram para que as pessoas ampliassem o seu olhar e mudassem seus

pensamentos a partir dos sofrimentos e das guerras em busca da conquista da liberdade.

Em meio a esses conflitos e como forma de reação à estética clássica, surge o movimento Romântico, valorizando elementos de cultura nacional, o amor exageradamente intenso, a natureza e a cor local.

Autores como José de Alencar têm uma significativa produção de romances que tiveram êxito nessa época e são considerados



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

cânones de nossas letras na contemporaneidade. Representando “perfis de mulheres”, o autor preza pela caracterização das personagens com aspectos de ingenuidade, romantismo e da fragilidade, criando estereótipos (literários) femininos.

Outros autores não tiveram êxito em sua época, inclusive, sequer puderam publicar/divulgar e assumir a autoria de suas obras. Trata-se de mulheres que decidiram escrever e apresentar através da literatura suas ideologias e marcas de suas vidas na escrita. Cada uma, ao seu modo, decidiu desafiar a sociedade patriarcal em que viviam e refletir sobre a opressão e o silêncio aos quais eram condenadas as vozes femininas.

A escritora Ana Luísa de Azevedo Castro, autora do livro *Dona Narcisa de Villar*, marcou sua época com a história de uma mulher que não correspondeu às expectativas em relação ao esperado para as mulheres daquele momento, sendo uma transgressora. A protagonista, que dá nome à obra, transgredir as normas da sociedade vigente, desafiando a família, recusando-se a se casar com o homem escolhido/designado para ela.

A proposta deste estudo é discutir a representação das personagens femininas traçando alguns paralelos entre as obras *Senhora*, de José de Alencar; e *Dona Narcisa de Villar*, de Ana Luísa de Azevedo Castro.

Pretende-se, a partir de aspectos identificados como característicos da escrita feminina e masculina, discutir o modo de representação das personagens das referidas obras e a construção simbólica das protagonistas. Para tanto, iremos discutir sobre o movimento estético e o contexto histórico em que as obras estão inseridas.

Escrita feminina e escrita masculina: além do olhar de uma sociedade patriarcal:

Tratar de escrita feminina e escrita masculina é, antes de tudo, considerar que homens e mulheres possuem construções simbólicas diferentes de si e seus gêneros (considerando-se as “amarras” do momento histórico-cultural em foco) e que tais características são perceptíveis na escrita por eles produzida. As marcas deixadas por cada um revelam elementos que nos levam a refletir e (talvez) enxergar o mundo de modo diferenciado, olhando através das lentes, levando-nos a compreender o presente a partir das representações possíveis na ficção literária.

Segundo Brandão (2006), sabe-se que as categorias masculino e feminino não correspondem, de modo direto, à mulher e ao homem (respectivamente); pois, segundo Butler (2003), a construção da identidade de gênero depende de diversos elementos, como questões sociais e políticas, sendo uma construção cultural. Sabe-se também que homens podem, perfeitamente, ter uma escrita

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



feminina; e as mulheres, uma escrita *masculina*¹.

Trata-se, portanto, de um terreno movente e de um tema denso, no qual debatem, há algumas décadas, especialistas de várias áreas e culturas, sempre gerando-se novas controvérsias e não há um consenso. Iremos considerar para este estudo algumas características (elencadas como) típicas de cada escrita que serão aqui comentadas.

Sobre a escrita masculina, Brandão (2006) afirma que:

a produção de uma escrita masculina deve se manifestar da forma mais evidente, principalmente porque realizada em sociedades patriarcais, com representações viris, onde também as mulheres se inscrevem ou se escrevem. (BRANDÃO, 2006, p.30)

Sendo assim, as marcas da escrita masculina se confundem com algumas características próprias da sociedade patriarcal, marcada por uma visão desigual, na qual as relações de poder são muito marcadas. Segundo Neuma Aguiar (2000), as bases institucionais da dominação patriarcal são de origem portuguesa e consistiam na conservação de valores tradicionais e dos “bons costumes.” A base da família patriarcal era formada pelo pai (patriarca, senhor respeitável e abastado,

geralmente dono de terras e de escravos), sua esposa (mulher submissa desde sua formação, devia fidelidade e obediência ao marido) e seus filhos (apenas os legítimos, desconsiderando algum possível filho gerado entre uma relação ilegítima, como entre o senhor e alguma escrava). É a partir dessa visão que reconhecemos, na escrita, as representações viris masculinas e o seu olhar sobre a mulher.

Sobre a escrita feminina, Lucia Castello Branco (2004), nos afirma que há características que podem ser reconhecidas, como “a tentativa de dizer o indizível”, pois

Simbólica, na condição de linguagem verbal, essa escrita resiste, entretanto, à mediação linguística, buscando ‘encostar’ a palavra à coisa e atingir o além do signo (...). (BRANCO, 2004, p.122).

Por trás da escrita feminina, portanto, (segundo esta concepção) está destacada a ideologia, a essência, quem se é. Deixar-se ser através da linguagem é aqui entendido como buscar constantemente essa resignificação entre coisa e palavra, entre linguagem e pensamento, representando na escrita o que está dentro de si mesma (sentimentos e sofrimentos), sobretudo no particular contexto das obras em análise, quando às mulheres era praticamente vetado o acesso a estudo e ação social.

¹ Aqui em itálico, para destacar o quanto se sabe das ‘armadilhas’ e diversas camadas de sentidos/construções culturais implicadas nestes adjetivos.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Para Judith Butler (2003), a questão da representação feminina, a linguagem e os elementos referentes à categoria de gênero dentro da teoria feminista possuem um viés fortemente político e discursivo, pois, segundo a autora:

Por um lado, a representação serve como termo operacional no seio de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos; por outro lado, a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres. (BUTLER, 2003, p.18)

Podemos, assim, considerar que entre os elementos que estão relacionados à representação feminina e sua escrita, além da oralidade e da contribuição do corpo na fala, são destacados a busca de estender essa visibilidade e o desejo de se legitimar socialmente. É ainda constatável a necessidade de ser vista e percebida como sujeito político, que age e pensa por si mesma, sem haver motivo para ter sua voz expressa pelo “outro”. A linguagem do narrador ‘tradicional’ (tradição da narrativa ocidental masculina) masculino ao tentar representar a mulher distorce a sua imagem e ressignifica, a partir de seu ponto de vista, a categoria das mulheres.

Tais considerações serão vistas e discutidas nos romances propostos neste

estudo. Ao representar Aurélio Camargo, em *Senhora*, José de Alencar, inicialmente faz o leitor acreditar que ela era uma mulher diferenciada, autônoma e independente. Porém, a personagem se mostra sentimentalmente frágil e incapaz de resistir ao amor que sentia por Fernando Seixas, entregando-se submissa ao marido no fim da obra.

Já em *Dona Narcisa de Villar*, Ana Luísa de Azevedo Castro traz uma personagem que resiste à opressão em que vivia e torna-se uma transgressora por não aceitar o destino que lhe impunham. Com isso, ela dá visibilidade às mulheres, principalmente pela presença de atitudes de emancipação e legitimação política.

Sobre o Romantismo: Sobre o movimento romântico, Falbel (2011) nos afirma que

não é possível fixar balizas cronológicas fixas, tampouco determinar de modo uniforme seu princípio e fim. (FALBEL, 2011, p. 23).

Sobre as suas características, sabemos que há uma constante busca por uma literatura de libertação e procura-se exaltar a natureza. Além desses, o Romantismo traz também outros aspectos marcantes, tais como o subjetivismo, os excessos, os exageros, a religiosidade, o sentimentalismo, a exaltação da cor local e tudo isso vai se efetivar a partir da busca pelas origens, do retorno ao passado



e da ânsia de encontrar a sua verdadeira identidade nacional.

Numa tentativa de definição do movimento, Carpeaux (2012) afirma que foi um movimento literário que se serviu de elementos históricos, místicos, sentimentais e revolucionários pré-românticos, como a Revolução Francesa com seus ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, reagindo ao clássico, criando, assim, uma literatura ideológica. Desse modo, percebemos que os conflitos próprios deste período se refletem também na literatura produzida nessa época, que trazem representados conflitos filosóficos, sociais e ideológicos, o que reflete também um pouco da sociedade da época, com seus preceitos e ideologias.

Especificamente para este estudo, podemos identificar alguns desses elementos próprios do movimento nas obras *Senhora*, de José de Alencar e *Dona Narcisa de Villar*, de Ana Luísa de Azevedo Castro.

Na referida obra de Alencar, destacamos, entre muitos outros elementos, as descrições de cenas de amor românticas, repletas de sentimentalismo e exageros. Aurélia Camargo, protagonista do romance, amava de tal forma Fernando Seixas que idealizava esse amor. Na obra, as descrições desse amor são plenas de metáforas, escritas com poeticidade:

Durante um mês, Aurélia inebriou-se da suprema felicidade de viver amante e amada. As horas que Seixas passava junto de si, eram de enlevo para ela que embebia-se d'alma do amigo. Esta provisão de afeto chegava-se para encher de sonhos e devaneios o tempo da ausência. Seria difícil conhecer a quem mais adorava a gentil menina, e de quem mais vivia, se do homem que a visitava todos os dias ao cair da tarde, se do ideal que sua imaginação copiara daquele modelo. (ALENCAR, 1998, p.90).

Assim vivia Aurélia repleta por esse amor: “inebriada e embebida”. A presença de seu amado trazia-lhe a felicidade plena e dava sentido a sua vida, preenchendo até os momentos de solidão da moça. Assim, o pretendente era idealizado, visto como modelo a ser seguido, referência para os demais rapazes da época.

Outros elementos ainda podem ser reconhecidos na obra *Dona Narcisa de Villar*, de Ana Luísa de Azevedo Castro, partindo-se de imediato pela escolha da temática e das personagens protagonistas: a mulher e o índio, pessoas consideradas excluídas socialmente, sem direito à voz própria. Segundo Candido, (2004):

Sendo mais acessível, a literatura do tempo do Romantismo pôde popularizar-se mais e dar voz aos que não tinham meios de exprimir-se em nível erudito. Por isso, ela contribuiu para a ideia que o brasileiro ia formando de si mesmo, ou seja, para o sentimento de identidade, por meios de mecanismos que



ampliaram e tornaram mais comunicativa a mensagem. (CANDIDO, 2004, p.86-87)

Assim, uma das inovações do Romantismo foi a oportunidade de criação de uma literatura mais acessível, menos erudita, mais próxima da voz dos menos favorecidos². Destacamos nesse romance a descrição da personagem principal que dá nome à obra, apresentada como uma mulher sensível, de grandiosa beleza, comparada a elementos da natureza local

Seu pescoço alvo e longo como o da gaivota de nossas margens, era ornado de colares de diamantes, cujos laços lhe cobriam o alvo colo; seus cabelos pretos e lustrosos como asas da jacutinga, eram suspensos no alto da fronte por flores de pedras de muito custo. Seu talhe fino e esbelto como o do beija-flor, era desenhado pelas longas e profundas pregas de seu vestido de cabaia azul com flores de prata (...). Ah! Que era a mais bela virgem de todo o bairro. (CASTRO, 2001, p.32).

Dona Narcisa de Villar era uma moça rica, bela e de coração puro. Percebemos a relação nas descrições de sua beleza com animais e elementos que remetem à natureza brasileira, como “o pescoço alvo e longo como o da gaivota”. A referência à natureza é fortemente presente no Romantismo, sendo um de seus principais temas. Ao optar por

² Embora se saiba que eram ‘menos favorecidos’ naquele contexto histórico, comparados à lógica europeia de monarquia e corte; afinal, eram burgueses insurgentes em uma colônia na América do Sul.

descrever desse modo, a autora exalta a natureza e também a personagem feminina.

Metodologia: Quanto à metodologia, este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cujo intuito é o aprofundamento e a ampliação dos conceitos a serem mobilizados nas análises do texto literário com o auxílio do referencial teórico.

Resultados e Discussões: Aurélia Camargo e a “altivez dessa mulher”: Em sua obra *Senhora*, Alencar traz a personagem Aurélia Camargo, mulher emergente na alta sociedade (considerando-se o contexto de burguesia insurgente aludido) que se utiliza de sua beleza e posição social para realizar seus caprichos. Descrita como alguém que burla e discorda de alguns costumes da época, como o casamento arranjado, a moça é representada tendo certo nível de independência. Inicialmente, a moça era pobre, ficando rica após receber uma herança. Quando se estabelece na sociedade, era já órfã e ainda solteira. Vivia tendo por companhia D. Firmina Mascarenhas e tendo seu próprio tio como tutor, porém, não era submissa a ele.

Segundo Brandão (2006), na prosa brasileira, a mulher é travestida de diversas máscaras. Na obra de Alencar isso se evidencia a partir do discurso do narrador:

Se o narrador as apresenta, no início de diversos romances, como personagens desejanças, com voz própria, elas acabam por



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

se ajustar ao ideal feminino do sujeito-narrador. (BRANDÃO, 2006, p.31).

Podemos perceber isso no comentário do narrador no trecho em que relata o tom irônico no qual Aurélia costumava tratar seus pretendentes. Para ela, todos estariam interessados em sua herança e buscavam, por meio do casamento, fazer “um bom negócio”.

A moça costumava ironizar da situação, atribuindo um preço a cada pretendente, um valor no “mercado matrimonial”. Tal postura não era bem aceita pelos que conviviam com ela:

- É um moço muito distinto, respondeu Aurélia sorrindo; vale bem como noivo cem contos de réis; mas eu tenho dinheiro para pagar um marido de maior preço, Lísia; não me contento com esse.

Riam-se todos destes ditos de Aurélia e os lançavam à conta de gracinhas de moça espirituosa; porém a maior parte das senhoras, sobretudo aquelas que tinham filhas moças, não cansavam de criticar esses modos desenvoltos, impróprios de meninas bem-educadas. (ALENCAR, 1998, p.19).

Aurélia era observada e seus modos muito criticados. Segundo o narrador, certas atitudes dela eram impróprias para moças “bem-educadas” e isso provocava certo receio em algumas pessoas: de que ela pudesse influenciar outras moças a agir assim, com desenvoltura. Tal comentário mostra que, na época, as mulheres não podiam expressar livremente as suas opiniões, deveriam ser

submissas e reprimidas sob pena de serem mal interpretadas. Mais uma vez, percebe-se a marca fálica na escrita do autor ao fazer esse tipo de comentário.

Porém, ao longo da narrativa, a expectativa sobre Aurélia é quebrada e a personagem se rende ao amor romântico, e, mesmo depois de muito sofrer por seu amor, termina seus dias “feliz para sempre”. Com isso, ela corresponde ao ideal feminino apresentado pelo narrador, sendo claramente romântica aos moldes da época, correspondendo à esposa descrita e moldada pelo imaginário patriarcal. Isso se confirma ao final do livro no trecho:

- Pois bem, agora ajoelho-me eu a teus pés, Fernando, e suplico-te que aceites meu amor, este amor que nunca deixou de ser teu, ainda quando mais cruelmente ofendia-te. (...)

- Aquela que te humilhou, aqui a tens abatida, no mesmo lugar onde ultrajou-te, nas iras de sua paixão. Aqui a tens implorando seu perdão e feliz porque te adora, como o senhor de sua alma. (ALENCAR, 1998, p.214).

A súplica feita por Aurélia a Fernando é exageradamente romântica, a moça se humilha aos pés do amado, pede perdão e afirma ser ele “o senhor de sua alma”. Tal submissão apaga a primeira imagem criada pelo leitor ao início da narrativa e percebe-se a personagem feminina como uma construção simbólica, centrada na visão (patriarcalista) do autor. Para Ruth Brandão (2006):



Os perfis de mulher de Alencar propõem-se como retratos femininos emoldurados pela marca fálica da firmeza, da inteligência e do espírito crítico. Figuras femininas que, à medida que a narrativa se desenvolve, entretanto, revelam-se como duplos da personagem masculina, confirmação de seu desejo, objetos inertes do amor narcísico do herói, e morte da mulher, enquanto sujeito desejanse. (BRANDÃO, 2006, p.71).

A marca fálica do autor aparece nessa mudança de comportamento da personagem feminina, que, a princípio, parecia ter atitudes diferenciadas e, por fim, corresponde ao estereótipo criado e propagado ao longo da narrativa. Prevalece a defesa do amor, do casamento, do apreço aos “bons costumes” e, inclusive, ao direito de herança, valores típicos de uma sociedade patriarcal. Aurélia se rende a esse amor, sendo caracterizada como a heroína romântica que, após muitos sofrimentos, tem um final agradável com o ser amado.

Dona Narcisa de Villar: resistência e transgressão: Nascida em São Francisco do Sul, Santa Catarina, Ana Luísa de Azevedo Castro foi professora e escritora. Não se sabe muito sobre sua vida, mas sabe-se que, em sua época, refletia sobre a condição da mulher numa sociedade patriarcal e preconceituosa. Assim, escreveu o romance *Dona Narcisa de Villar*, em que consegue transpor seus ideais e suas crenças através da história de uma

mulher reprimida por seus irmãos, sem direito à voz, fazendo-a transgredir as normas sociais vigentes, resistindo e lutando contra o destino preparado para ela.

Publicado pela primeira vez em folhetins em 1858, a autora se identifica na obra com o pseudônimo de “Índigena do Ipiranga” e escolhe falar de personagens oprimidos socialmente, a mulher e o índio, propondo uma leitura plural e ampla e promovendo reflexões sobre o modo como eram tratadas essas pessoas na sociedade da época.

Já no prefácio à obra, chamado de “Ao público”, a autora se afirma e apresenta-se com “extrema timidez” e “com grande humildade” ao escrever esse livro (CASTRO, 2001, p.21). Nesta consciência de que o lugar de onde se fala nos identifica, ela ainda pede desculpas ao leitor por sua linguagem:

D. Narcisa de Villar foi escrita quando apenas tinha eu 16 anos: merece portanto que desculpeis a mediocridade da linguagem e a singeleza com que decorei as cenas. (CASTRO, 2001, p.22).

Ana Luísa de Azevedo Castro foi fundadora de um colégio de instrução primária para meninas e acreditava na importância da educação para as moças. Em sua obra, essa convicção se faz presente em uma bela atitude da personagem que dá título à obra. Dona Narcisa, ainda criança, fica órfã



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

e é trazida de Portugal para o Brasil para ser cuidada por seus irmãos, D. José, D. Luís e D. Martim Villar, este último governador da província.

Eles eram cruéis, tiranos e autoritários e deixam a pobre menina aos cuidados dos escravos (indígenas). Uma, em especial, cuida de Narcisa como se fosse sua própria filha, a escrava Efigênia. Narcisa retribui ensinando ao filho da escrava a leitura e as primeiras noções cristãs:

Querendo mostrar mais vivamente a sua gratidão à Índia, tomou a si o trabalho da educação de Leonardo; ensinou-o a ler, e instruiu-o tanto quanto pode na religião católica, fazendo o discípulo admiráveis progressos com aquela mestra inspirada. (CASTRO, 2001, p.30).

Percebemos, assim, traços de influência ideológica da autora transpostos para a obra. Por muito acreditar na educação, a autora faz a personagem de sua obra corresponder a isso, cuidando da educação do escravo Leonardo, que, por meio da instrução, será diferente dos demais, desde as vestes até os gestos e comportamento.

Segundo Souza (2011), sobre a questão da crítica e influência biográfica do autor em sua obra:

É de extrema relevância para a compreensão do estudo do período e para a obra do autor ampliar o registro biográfico, dotado tanto de

valor documental quanto de gênese literária. (SOUZA, 2011, p.13).

Assim, ao falarmos de Ana Luísa de Azevedo Castro, precisamos considerar as inovações literárias trazidas pela autora e os aspectos biográficos que permeiam a sua obra.

Outro aspecto da obra que deve ser ressaltado é a questão do casamento como negócio. Assim como na obra *Senhora*, de José de Alencar, existe uma crítica sobre esse aspecto da sociedade, porém, em *Dona Narcisa de Villar*, a crítica é mais contundente e ideologicamente mais marcada. Os irmãos de Dona Narcisa negociam o casamento da moça sem que ela saiba. Planejam casá-la com o coronel Pedro Paulo por questões financeiras e políticas:

Dom Martim de Villar muito desejava estreitar as relações que tinha com uma rica e nobre casa de Lisboa, cujo atual representante tinha sido seu companheiro de estudo. Casar sua irmã com seu antigo condiscípulo era para ele o fim desejado de um de seus belos planos (...). Assim, a rica herança que a jovem perceberia, não seria jamais desencaminhada da família. (...)(CASTRO, 2001, p.42-43).

O trecho mostra o quanto a personagem, Dona Narcisa, era oprimida e não podia ter vontade própria. Não teria sequer o direito de saber o que seria de seu futuro, nem poderia planejá-lo segundo as suas vontades. Seus irmãos, em especial D.



Martim, acreditavam ter domínio sobre a vontade da moça, pois, segundo a sociedade, ela lhes devia plena obediência por estar sob sua tutoria. Bourdieu (2014) afirma, sobre a lógica da dominação masculina, que

Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado, de uma língua (ou uma maneira de pensar, de falar), de um estilo de vida (...). (BOURDIEU, 2014, p.12)

A violência simbólica que Dona Narcisa sofria por parte de seu irmão fazia-a reconhecer a sua condição de dominada. Ela se percebia nessa situação, mas não sem resignar-se de alguma forma. Mas, quando se tratou de seu destino e futuro, essa personagem transgrediu essa dominação e tentou fazer prevalecer a sua vontade, conforme observamos no trecho:

- Senhor, não trate desse modo o destino da mulher; não queira roubar o único bem que esse ente sensível pode achar no sacrifício da liberdade de sua vida inteira. (CASTRO, 2001, p.69).

O apelo feito ao irmão de que não a obrigasse a se casar com alguém que ela não amasse é, aqui, uma forma de resistência à dominação exercida sobre ela. Essa resistência da personagem feminina a leva a transgredir as normas sociais e a ir contra os

“bons costumes” de sua época. D. Narcisa decide fugir a convite de Leonardo para se casarem e tentarem viver longe daqueles que não os aceitavam.

D. Narcisa resistiu e lutou por seu amor com Leonardo. Lutou a seu modo para fugir desse casamento, preferindo a morte. Porém, não consegue se livrar da tirania de seus irmãos, que matam Leonardo para que não fiquem juntos. Revoltada, ela prefere a morte a ter que se submeter às vontades do irmão:

Acabai a vossa obra, meus irmãos, disse a moça com uma voz doce e cheia de celeste unção; o que o que intentais é matar-me não é assim? Vossas mãos ainda não estão bem tintas de sangue pois apressai-vos que desejo ir reunir-me a meu esposo que me acena lá do céu. (CASTRO, 2001, p.119).

Dona Narcisa, assim, decide seu destino. Não podendo ter a felicidade plena, ela prefere a morte, como realização e liberação de todos os seus desejos. Os irmãos de Dona Narcisa têm um final trágico, todos morrem de graves doenças, após muitos sofrimentos. Com a morte dos protagonistas da história, cria-se o mito de que eles voltam à Ilha do Mel (lenda nativa reapropriada ficcionalmente pela autora), local onde foram mortos, agora, metamorfoseados em pombas brancas. As pombas são perseguidas por três corvos, seriam estes os três malvados irmãos da moça.



Apesar do contexto, das complicações e influências românticas, a obra é muito rica e promove importantes reflexões sobre o lugar e a condição da mulher, tanto naquela época, como na contemporaneidade.

Conclusões: Por muitos anos, o direito à voz foi negado às mulheres, sendo elas, apenas, representadas por homens, pois suas opiniões não eram consideradas nem respeitadas. Na contemporaneidade, firma-se cada vez com mais força o discurso feminista, que propõe uma compreensão plural sobre a categoria de gênero, desconsiderando o binarismo masculino/feminino como única forma de compreensão da questão, conforme afirma Butler (2003). Nas obras estudadas, consideramos que o lugar de onde se fala identifica e direciona o discurso e a escrita do autor.

Aurélia Camargo, no romance *Senhora*, de José de Alencar é representada como uma mulher instável, que modifica seu comportamento ao longo da obra. O autor apresenta seu ponto de vista a partir de sua visão masculina e das influências do contexto social e político de sua época, um modelo tradicionalista, que enxergava a mulher de forma reducionista, reprimindo a sua voz, seus desejos e impedindo seu posicionamento.

Por outro lado, Dona Narcisa de Villar é representada por Ana Luísa de Azevedo Castro como uma mulher frágil, mas que

transgride as normas sociais de sua época, mostrando-se resistente às opressões que sofria. Luta e morre por defender o seu direito de falar e se impor. Percebemos que a representação feminina proposta pela mulher busca essa autoafirmação social e política.

Todavia, este estudo não esgota a possibilidade de ampliarem-se as reflexões acerca das duas obras aqui tratadas. Faz-se necessário maior aprofundamento e discussões sobre o assunto para que se possam expandir as possibilidades de compreensão da obra, bem como da representação simbólica da mulher apresentada nos romances estudados, tornando-as mais complexas e ricas.

REFERÊNCIAS:

AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. Brasília: **Revista Sociedade e Estado**. Vol.15, nº.2. Brasília Jun./Dez., 2000.p.1-19.

ALENCAR, José de. **Senhora**. Série bom livro. São Paulo: Ática, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. A condição feminina e a violência simbólica. Tradução Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014.

BRANDÃO, Ruth Silviano. **Mulher ao pé da letra**: a personagem feminina na literatura. 2º ed. revista. Belo Horizonte: UFMG, 2006.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

BRANCO, Lucia Castello. A escrita mulher.
In: BRANDÃO, Ruth Silviano; BRANCO,
Lucia Castello. **A mulher escrita**. 2º ed.
revista e ampliada. Rio de Janeiro:
Lamparina, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**.
Feminismo e subversão da identidade. Rio de
Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDIDO, Antônio. **O Romantismo no
Brasil**. São Paulo: Associação Editorial
Humanitas, 2004.

CARPEAUX, Otto Maria. **O Romantismo
por Carpeaux**. v. 6. São Paulo: Leya, 2012.

CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. **D. Narcisa
de Villar**. Florianópolis: Editora Mulheres,
2001.

FALBEL, Nachman. Os Fundamentos
Históricos do Romantismo. In:
GUINSBURG, J. (org.). **O Romantismo**. São
Paulo: Perspectiva, 2011.

SOUZA, Eneida Maria de. **Janelas
indiscretas**. Ensaios de crítica biográfica.
Belo Horizonte: UFMG, 2011.

